

# DEGO LARR ATOS

de Enzo Moscato



# DEGO LARR ATOS

de Enzo Moscato

Tradução e entrevista com o autor por Anita Mosca

© Relicário Edições

© Enzo Moscato

CIP –Brasil Catalogação-na-Fonte | Sindicato Nacional dos Editores de Livro, RJ

M894d

Moscato, Enzo  
Degolarratos / Enzo Moscato; Tradução de Anita Mosca.  
– Belo Horizonte, MG : Relicário Edições, 2016.  
92 p. ; 13 x 18 cm.

ISBN: 978-85-66786-39-2

1. Teatro italiano. I. Mosca, Anita. II. Título.

CDD 852

Tradução | **Anita Mosca**

Preparação do manuscrito e revisão | **Manuela Ribeiro Barbosa**

Coordenação editorial | **Maíra Nassif**

Projeto gráfico e diagramação | **Caroline Gischewski**

Imagem da capa | **Guido Boletti** “Uomini e topi”, técnica mista  
sobre papel (1991) – guidoboletti.net

**Relicário Edições**

www.relicarioedicoes.com

contato@relicarioedicoes.com

# DEGOLARRATOS

## PRIMEIRA VERSÃO DO TEXTO

Primeira representação italiana: Nápoles, Spazio

Libero, janeiro de 1982

Direção: Enzo Moscato

Figurinos: Tata Barbalato

Intérprete: Enzo Moscato

## SEGUNDA VERSÃO DO TEXTO

Primeira representação italiana: Torre del Greco,  
Teatro nel Garage, abril de 1984

Direção: Annibale Ruccello

Cena e figurinos: Franco Autiero

Intérprete: Enzo Moscato

*(Um casebre esqualidíssimo. Desordem e caos reinam por toda a parte. No chão, remendos velhos, sacos de lixo, ras-cunhos, cadeiras viradas, uma foto emoldurada de um velho, um sabre antigo, uma máscara branca, uma sombrinha fechada. Sobre uma mesinha, à direita e ao fundo, garrafas semi-vazias, um potinho cheio de pedacinhos de papel de seda vermelha, uma toalha branca dobrada em quatro parecida com aquela que os garçons levam no braço nos restaurantes; embaixo da mesa, à esquerda, um garrafão com o gargalo lascado, contendo um líquido vermelho, e do lado, uma bacia branca. Pendente de um lado da mesinha, uma bandeira azul e branca de torcedores napolitanos de um time de futebol, mas embelezada com joias, strass, luzes várias. A ação acontece nos Quarteirões Espanhóis, bairro do centro histórico de Nápoles. O personagem, um travesti cujas roupas femininas não apresentam nenhuma preciosidade, pelo contrário, são esfarrapadas, rasgadas, no limite da vagabundagem, entra cantando. Vai até a beira do palco, interrompe sua canção, por um momento fixa intensamente o público, depois diz...)*

E assim aqui apenas três coisas não ficaram: os hipogeus, a memória e a magia... Bem sabendo que apenas eles podiam nos salvar... Que apenas eles podiam evitar as traças, a naftalina ou, pior ainda, cair sepultados em algum livro à maneira de múmias alexandrinas.

*(Baixa a cabeça tristemente. Um átimo de pausa, depois, dá uma volta pelo casebre indicando a desordem.)* Mas então... Mas então... Aqui está... Aqui está... Ali é que tá: a ordinária fábrica de São Pedro, a ordinária escavação de Pompeia. Tudo de cabeça pra baixo, nada no seu próprio canto... Voltaram os tempos do cassino? Os alemães mais uma vez? Ah, Paieterno! Segura as minhas mãos, segura as minhas mãos, tu! Me dá a força.

*(Chega à frente na beira do palco. Com as mãos nos quadris, grita na direção do canto esquerdo da sala:)*

Ué, estudantes! Estudantes? Discentes? Mas o que arrumaram aqui à noite? Mas o que arranjaram? Os balés? As festinhas juninas? E, com licença, por que justamente no meu quarto de dormir?

*(Pausa.)*

Ah, não fostes vós? Vós não sabeis de nada? E quem foi, então? As almas noturnas? Os espíritos do além-túmulo?

*(Pausa de reflexão.)*

Ou fui eu mesmo? Também pode ser... Pois é, como dizem, à noite, para sair, me arrumo como o Titibaco: vinho para cá, vinho pra lá... E depois... De manhã, quando volto para casa, não me lembro de mais nada... De mais nada... Os ardores passaram, e ando perguntando quem foi o autor dessa farra. *(Suspira, recolhe, distraidamente, algum objeto.)*

Fazer o quê? A fama, como se diz, é a puta que a leva. Pessimista deixares-te surpreender uma vez por alguém num momento de tua fraqueza íntima: logo te marcam, logo encontram uma maneira de te sacanear... *(Começa a tirar os velhos enfeites femininos, fica de camisola. Aproxima-se da mesa, levanta uma garrafa e, em contraluz, olha através dela, dá um sorriso largo.)*

Mesquinhos! Acabaram com tudo! Nem um gole me deixaram! Nem um!

*(Toma um gole do gargalo da garrafa; depois, olhando para o público e soprando como quem confessa um segredo:)* Na minha opinião, estes jovens um dia se darão ao alcoolismo... Sinto isso. *(Toma outro gole.)* Sim, senhor! Pressinto! Pressinto isso claramente!

*(Põe a garrafa, recomeça a tirar sua roupa, cantando uma velha cantilena napolitana intitulada “O palazzo Ammendola”: veste outros míseros trajes “domésticos”; no momento de usar as pantufas, reflete consigo mesmo sobre o sentido da cantilena e sobre o verbo “mpennere” – pendurar – nela contido e que significa enforcar.)*